

VIVÊNCIA DE BRINCADEIRAS COM SUCATA: RELATO DE UMA ATIVIDADE DE EXTENSÃO

Carmem Virgínia Moraes da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
carmem.virgínia@gmail.com

Resumo: O foco central da atividade de extensão aqui relatada foi a criação de um espaço/momento no qual diversos grupos pudessem vivenciar a atividade do brincar, tendo a sucata como suporte e ancorada em conceitos da perspectiva sócio histórico cultural de Vigotski, tais como vivência, intervenção pedagógica e processo criativo. O projeto de extensão tem caráter educativo, social e cultural e foi realizado com grupos de discentes de Psicologia e Pedagogia, grupos de educadores/cuidadores de instituições educacionais, grupos de profissionais de instituições de outra natureza (técnicos da área de saúde), grupos de pais vinculados ou não a instituições, além de grupos de crianças com seus respectivos responsáveis. A vivência do brincar com sucata, como possibilidade de criação para os participantes, ressaltou as interações sociais e potencializou o desenvolvimento de cada sujeito dentro dos grupos, na medida em que considerou as brincadeiras já conhecidas dos participantes e a (re)criação a partir do material disponível e das relações estabelecidas no momento da vivência. Para os grupos de adultos foi significativa a resposta quanto à percepção do material como suporte do brincar, além do envolvimento na própria atividade do brincar. A proposta de extensão sublinhou a necessidade de ações contínuas junto a crianças e profissionais que trabalham com crianças, com o objetivo de proporcionar o brincar livre e o conhecimento acerca deste processo.

Palavras-chave: Brincadeira. Sucata. Vivência.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências do Projeto de Extensão Vivência de Brincadeiras com Sucata, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Os resultados produzidos em diversas pesquisas sobre o brincar (SILVA, 2007 e 2016; MARQUES e BICHARA, 2011; OLIVEIRA, 2011; SPRÉA e GARNHANI, 2014) ressaltam que podemos aprender sobre as crianças e seus modos de vida a partir do brincar, pois a subjetividade das crianças emerge neste processo, do embricamento entre os conteúdos das brincadeiras e os elementos do cotidiano das crianças. As brincadeiras das crianças, quando observadas, revelam singularidades desses sujeitos e permitem

delinear as questões que dizem respeito ao seu meio cultural e às suas relações, pois o brincar pode ser tomado como uma das expressões das vivências infantis, carregada de marcas concretas do meio no qual as crianças vivem.

Somado a isso, nas pesquisas que realizei nos processos de mestrado e doutorado (SILVA, 2007 e 2016) em instituições públicas de Educação Infantil ficou evidente que, de forma geral, a brincadeira está presente na rotina educacional das crianças, conta com a interação entre seus pares e, algumas vezes, conta com a presença da educadora e com objetos que dão suporte a estas atividades. Em que pese o fato de as educadoras reconhecerem a importância da brincadeira e estabelecerem uma relação da mesma com o desenvolvimento infantil, na maior parte das vezes, não exploram esta atividade na rotina educacional, usam um discurso baseado no senso comum e não demonstram um conhecimento mais profundo da atividade da brincadeira e a relação desta com o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Diante do exposto, a proposta desta ação de caráter educativo, social e cultural, denominada vivência de brincadeiras com sucata, pretendeu potencializar o brincar diante da criação desse momento/espço de discussão sobre o brincar e da própria brincadeira com profissionais, crianças e seus responsáveis, de modo que tais grupos de participantes adultos fossem sensibilizados para perceber o brincar com a importância tão discutida na academia e reconhecida por teóricos clássicos como Piaget, Vigotski, Winnicott, entre outros. Com os grupos de crianças o propósito foi de proporcionar de forma direta o brincar, provocando a criatividade, interação social e prazer.

Aporte Teórico-Metodológico

Os conceitos teóricos que alicerçaram as vivências estão ancorados na perspectiva sócio histórico cultural de Vigotski, quais sejam: brincar, mediação, intervenção pedagógica, papel do meio, vivência, criatividade, entre outros. O conceito apresentado por Vigotski (1984, p. 106), do brincar como uma atividade em que “a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados”, acrescido da compreensão do brincar como um processo construído socialmente pelo sujeito, que se modifica em função do meio e da época em que ele vive, define de onde falo na Psicologia para discutir o tema brincar. Destaco o sentido criativo da criança, ao brincar, frente às inúmeras possibilidades que a realidade vivenciada

lhe propicia. E acrescento, ainda, os fatores tempo histórico e contexto social, pois ambos complementam a perspectiva vivenciada por cada criança. Elas vivenciam o mundo, também, a partir das possibilidades oferecidas por estes dois diferentes elementos.

Relaciono o brincar com o conceito de vivência apresentado por Vigotski (2010, p. 686), como sendo: “uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso [...]”. Pino (2010) analisa etimologicamente o termo vivência como viver através de algo. O meio ganha, como indica Vigotski (2010), o status de fonte de desenvolvimento. Destarte, é possível dizer que ao viver através do brincar com sucatas, a criança representa seu meio cultural e social, a partir também das suas particularidades, da sua subjetividade.

A partir da articulação entre tais conceitos, ocorreram 17 vivências com grupos distintos, cada encontro com 03/04 horas de duração, entre o ano de 2016 e o ano de 2017. O público alvo das vivências constituiu-se de grupos de discentes universitários, educadores, mães/pais/cuidadores e bebês/crianças, técnicos da área de educação e da área de saúde, entre outros, totalizando 250 participantes adultos. O Quadro 1 apresenta a diversidade dos grupos que participaram das vivências:

Quadro 1 – Participantes das Vivências de Brincadeira com Sucata

Grupos Participantes	Quantidade de adultos participantes
Mães/Pais/Cuidadores e crianças em um espaço colaborativo	11
Discentes de Pedagogia de uma instituição de educação superior da rede privada (duas turmas)	22
	19
Discentes de Pedagogia de uma instituição de educação superior da rede pública (duas turmas)	17
	26
Docentes e direção de uma instituição educacional (educação infantil e educação fundamental I) da rede privada	08
Educadores de uma instituição vinculada à igreja católica	09
Discentes de Psicologia de uma instituição de educação superior da rede pública (duas turmas)	26
	10
Técnicos da equipe de saúde mental do município	27
Mães/cuidadoras e crianças em um estúdio de fisioterapia	11
Mães e bebês de um Centro de Referência em Assistência Social	06
Técnicos do Programa Conquista Criança	14
Mães/pais/cuidadores e bebês/crianças em uma feira colaborativa	08

Crianças ligadas aos discentes de uma turma de uma Pedagogia de uma instituição de educação superior da rede pública	32
Adultos inscritos no I Encontro do Sudoeste da Bahia sobre Síndrome de Dawn	04

A adesão ao projeto ocorreu a partir de contato entre a coordenadora das vivências e os responsáveis pelas instituições, assim como da livre demanda decorrente da divulgação do projeto em redes sociais. O material empregado nas vivências constituiu-se de uma coleção de sucata de plástico (tampas, medidores, seringas, embalagens, cápsulas de café, etc) de propriedade da coordenadora das vivências, como pode ser visto nas Fotografias 1 e 2; além de Datashow em algumas situações nas quais o grupo era constituído somente por adultos.

Fotografia 1 – Conjunto de tampas plásticas em cores e tamanhos variados



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2016

Fotografia 2 – Conjunto de suporte de medicação para problemas respiratórios



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2017

O material possui riqueza quando à diversidade de suas características: tamanhos, cores e formas variadas, possibilitando atividade de encaixe, enfileiramento, sobreposições, agrupamentos, etc. Outra vantagem é a facilidade no processo de higienização, fato que promove o uso por parte de diversos grupos.

As vivências propostas com tais grupos se constituíram como o procedimento metodológico, ou modo de ação, das atividades propostas. Com os grupos de adultos a atividade era iniciada com a apresentação da brincadeira como fonte de informação a respeito da criança e como ferramenta de acesso às potencialidades e limites da criança. Para tanto era apresentado o material da sucata como suporte da brincadeira, conforme Fotografia 3.

Fotografia 3 – Apresentação do material de sucata



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2016

As brincadeiras eram ilustradas no Datashow com fotografias de situações nas quais podiam ser visualizadas, como pode ser visto na Fotografia 4. As ilustrações serviam como disparadoras e mediadoras no processo de discussão e análise do grupo acerca das possibilidades da sucata como suporte para a brincadeira.

Fotografia 4 – Slide usado na apresentação da Vivência de Brincadeiras com Sucata



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2016

Assim, era possibilitada uma discussão teórica sobre a brincadeira, além da articulação do brincar com as práticas pedagógicas e psicológicas, ambas ancoradas no referencial teórico da Psicologia, que explicita a relação da brincadeira com os processos de desenvolvimento e aprendizagem humana e da brincadeira como elemento fundamental da intervenção pedagógica (VIGOTSKI, 1984; 2010; 2014). Em seguida o material era disponibilizado para que as brincadeiras pudessem ser vivenciadas pelo grupo. Ao final, os grupos eram estimulados a descrever e apresentar a brincadeira, assim como o material empregado em cada brincadeira.

As vivências com grupos de mães/pais/cuidadores e bebês/crianças ocorreram com a exposição da coleção de sucata para que todos os participantes pudessem manusear o material e brincar livremente, conforme Fotografias 5 e 6.

Fotografia 5 – Grupo de mães e bebês do Centro de Referência em Assistência Social



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2016

Fotografia 6 – Grupo de pais/cuidadores e bebês/crianças em uma feira colaborativa



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2016

As crianças se aproximavam do material e iniciavam o processo de brincadeiras, favorecendo o seu processo de desenvolvimento, pois para Vigotski (2010, p. 698): “no decorrer do seu desenvolvimento, a criança se apropria, transforma em suas aquisições interiores aquilo que, a princípio era sua forma de interação interna com o meio”. As intensas atividades das crianças com a sucata, desde a exploração do material até a construção de brinquedos que surgiam da articulação com a imaginação podem ser apontadas como a concretude do que Vigotski chama de desenvolvimento, neste movimento contínuo de fora (relação das crianças com o meio) para dentro (a apropriação de tudo isso que a criança vivencia).

A brincadeira acontecia ao tempo que a responsável pela vivência dialogava com os participantes adultos, sinalizando e valorizando as interações sociais, expressões culturais e processo criativo advindos das brincadeiras. Assim, a ilustração de todos esses processos ocorria de forma concreta no brincar das crianças com a sucata.

No início da atividade os participantes adultos eram solicitados a assinar uma lista de presença na qual continha a informação sobre o registro fotográfico das vivências, com o objetivo de divulgação em espaços e debates científicos. Além da lista as crianças e adultos consentiam ou não o registro fotográfico ao longo da atividade.

Discussão

A coleção de sucata empregada nesta atividade pode ser classificada como material não estruturado, sem uma função e significado explícito relacionado ao brincar, que funciona como suporte de brincadeiras variadas, como ilustrado nas Fotografias 7 e 8 a seguir:

Fotografia 7 – As tampas ganham significado de sorvetes em casquinhas



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2017

Fotografia 8 – As tampas ganham o significado do Jogo da Velha



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2017

As situações retratadas nas Fotografias 7 e 8 podem ser interpretadas como vivências, como resultados da relação entre as particularidades do meio (as tampas de plástico) e as particularidades da personalidade de quem está vivenciando (fazer sorvetes ou fazer um tabuleiro de jogo da velha). E Vigotski (2010, p. 687) ressalta a importância deste processo quando diz:

nós temos o direito de estudar a vivência como uma unidade de elementos do meio e de elementos da personalidade. E justamente por isso a vivência consiste num conceito que nos

permite, na análise das regras do desenvolvimento do caráter, estudar o papel e a influência do meio no desenvolvimento psíquico da criança.

Para tanto é fundamental que o profissional ou responsável por uma criança se proponha a perceber o brincar como fonte de conhecimento sobre essa criança. A intervenção do adulto como alguém que possibilita a brincadeira livre é necessária para que as crianças, brincando, possam ampliar suas descobertas e aprendizagens, (re)criando sua forma de lidar com a realidade.

No momento inicial de cada vivência, com grupos de adultos e com grupos de crianças com adultos, no qual a sucata era apresentada, foi possível perceber o significado de brinquedo dado ao material: “e pensar que jogo tanto brinquedo fora lá em casa” (Mãe), “eu nunca olhei para as tampas como estou olhando agora, com tantas possibilidades para brincar” (Educadora).

Apesar dos reiterados relatos dos adultos indicando a aceitação do material apresentado como suporte para a brincadeira, foram muitas as situações nas quais os adultos buscavam uma função pedagógica, independente do brincar da criança: “eu posso fazer um jogo para meus alunos aprenderem as cores, eles estão nessa idade” (Educadora) e “eu já uso a sucata para ensinar as sílabas, as letras, faço jogos (Educadora). Podemos atribuir à sucata uma clara função pedagógica, não se trata aqui de criticar esta possibilidade, mas podemos também permitir que as crianças brinquem (e aprendam!) livremente, lembrando o que nos aponta Vigotski (2014, p. 13): “Quanto mais a criança vir, ouvir e experimentar, quanto mais aprender e assimilar, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência, mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa”. Assim, os jogos, os vídeos, as músicas, os brinquedos estruturados, as sucatas e tantos outros devem compor o repertório da criança, com atividades livres e dirigidas, ampliando sua possibilidade de desenvolvimento.

Já com grupos de crianças, quando a coleção de sucata era disponibilizada, a atividade de brincadeira era iniciada de imediato, sem questionamentos quanto à função do material. As Fotografias 9 e 10 ilustram tal situação:

Fotografias 9 e 10 – Grupo de mães/pais/cuidadores e bebês/crianças em uma feira colaborativa



Fonte: SILVA, C. V. M. da. 2016

Na Fotografia 9, quando questionadas sobre o que estavam fazendo, as crianças responderam: “uma cobra bem grandona” e “uma muralha”; na Fotografia 10 a resposta foi: “uma pirâmide”. É evidente o uso que as crianças fazem da sucata, como um material não estruturado, que ganha o significado do brincar e propicia o processo criativo, pois “os jogos da criança não são uma simples recordação de experiências vividas, mas uma reelaboração criativa dessas experiências, combinando-as e construindo novas realidades segundo seus interesses e necessidades” (VIGOTSKI, 2014, p. 6). Emerge, da relação com a sucata, as experiências pretéritas que envolvem muralhas, cobras e pirâmides. A sucata é o material que movimenta a imaginação e produz brinquedos e brincadeiras, dando vazão ao processo criativo da criança em questão.

Na maioria das vivências com crianças a interação social esteve presente, em atividades de cooperação, imitação, competição, entre outras, favorecendo suas aquisições, como afirma Vigotski (2010, p. 699):

As funções psicológicas superiores da criança, as propriedades superiores específicas ao homem, surgem a princípio como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de

cooperação com outras pessoas, e apenas posteriormente elas se tornam funções interiores individuais da própria criança.

Assim, o material da sucata, suporte desta atividade que provoca (ou solicita) a interação social, apresenta-se como um instrumento mediador que favorece a construção de significados variados, impulsionando o desenvolvimento daqueles que estão envolvidos no brincar.

Podemos, ainda, atribuir à sucata a função de instrumento de intervenção pedagógica, pois este material provoca a atividade da criança, movimentando-a no processo de aprendizagem e desenvolvimento, provocando avanços que não aconteceriam espontaneamente (VIGOTSKI, 1984).

Considerações e Perspectivas

As considerações que proponho neste momento tem o caráter de conclusivas, na medida em que buscam responder os objetivos que foram propostos no projeto, mas também apontam perspectivas no processo de continuidade das vivências de brincadeiras com sucata. A proposta de implementar vivências de brincadeiras junto à comunidade cumpriu a função de estreitar o vínculo entre universidade e comunidade, ao tempo que fortalece a proposta de práxis contínua nas atividades de ensino. As vivências fazem parte de um plano de ação decorrente dos resultados da tese de doutorado da coordenadora do projeto (SILVA, 2016), com possibilidades de fomentar pesquisas futuras na interface entre o brincar, o desenvolvimento e a aprendizagem.

A experiência relatada neste escrito diz respeito à primeira fase do projeto Vivência de Brincadeiras com Sucata, realizada com grupos de adultos e grupos de adultos com crianças e provocou discussões que envolvem a interface entre o brincar/desenvolvimento/aprendizagem, assim como sinaliza a necessidade de possibilitar espaços para o brincar livre, direcionados para crianças em instituições diversas. Neste sentido, a segunda fase do projeto (já aprovada) pretende atingir, preferencialmente, grupos de crianças em espaços diversos: escolas, creches, sala de espera do Núcleo de Práticas Psicológicas da UESB e de outros espaços que contam com a presença de crianças.

Além disso, os resultados das atividades de extensão com grupos de adultos marcam a necessidade de um trabalho contínuo na formação dos educadores e demais técnicos que trabalham com crianças e de uma permanente sensibilização dos pais.

A partir dos relatos dos participantes adultos e das discussões decorrentes das vivências, é possível sublinhar que a atividade possibilitou uma aproximação com o brincar livre, mediado pelo material de sucata, além de ter aproximado profissionais e responsáveis pelas crianças desta atividade pertencente às crianças.

A opção feita por uma articulação teórico/prática a partir da perspectiva sócio histórico cultural legitimou a assunção de uma prática reflexiva que envolve os sujeitos participantes, se alimenta do acontecimento, da vivência e produz materiais passíveis de se transformar em contribuições para atividades de ensino, pesquisa e extensão. Assim, reafirmamos a necessidade de dar continuidade à extensão, com a participação ativa de extensionistas discentes do Curso de Psicologia, como multiplicadores do processo do brincar, tão necessário para a promoção da saúde das crianças.

Em atividades dessa natureza, além da contribuição direta através do compartilhamento do conhecimento com a comunidade, é possível sensibilizar os profissionais que trabalham com crianças e os responsáveis pelas crianças para a olharem para a sucata e relacionar a mesma com o brincar. No embate entre brinquedos prontos e sucata, ganham as possibilidades todas que enriquecem o brincar, sem que estas questões sejam tratadas como dicotômicas, mas sim como constituintes das subjetividades das crianças.

Referências

MARQUES, R. de L.; BICHARA, I. D. Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade. *Estud. psicol.* (Campinas), 2011, vol.28, n.3, p. 381-388.

OLIVEIRA, E. D. F. de. A significação do lúdico na cultura Bororo: o brincar e o brinquedo na construção da identidade. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco. 180f. Campo Grande, 2011.

PINO, A. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. *Psicologia USP*, São Paulo, 2010, n. 21, v. 4, 741-756.

SILVA, C. V. M. da. O brincar das crianças do campo e a Educação Infantil. 206 f. Tese (Doutorado). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, 2016.

SILVA, C. V. M.; FRANCISCHINI, R. O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para a criança no Brasil. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 257-276, 2012. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/699>

SILVA, C. V. M. da. Faz-de-conta que eu brinco: o comparecimento da brincadeira na educação infantil da rede pública de Vitória da Conquista – Bahia. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2007.

SPRÉA, N. E.; GARANHANI, M. C. A criança, as culturas infantis e o amplo sentido do termo brincadeira. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 717-735, set./dez. 2014.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na Pedagogia. *Psicologia USP*, São Paulo, 2010, n. 21, v. 4, 681-701.

VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criatividade na infância. São Paulo: Martins Fontes, 2014.